

COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL E FOLKCOMUNICAÇÃO NUM MUNDO EM CONFLITO

É impossível deixar de considerar o impacto sociocultural que a pandemia de Covid-19 trouxe em termos culturais, sociais, econômicos em qualquer uma das áreas relacionadas com as Ciências Sociais e Humanas. E, em particular nas Ciências da Comunicação, claro, também em seus termos comunicacionais. A pandemia não se desenvolveu no “vácuo”, mas se inscreveu em um complexo tecido de relações sócio-históricas atravessadas por conflitos que revelaram os problemas endêmicos de diferenciação econômica e de acesso à informação que afetam amplos grupos populares em diferentes países. Também se formou um contexto que facilitou o surgimento e a recontextualização de antigas lacunas informacionais e de preconceitos em torno de outras culturas (com a visibilidade mundial de movimentos de extrema direita que promovem atitudes negativas em relação a outros indivíduos, seja por critérios raciais, migratórios, de gênero ou classe social). Isto ocorreu e ocorre por meio das redes e da criação de novos espaços virtuais que compõem as sociabilidades onde o intercultural surge como um espaço de encontros, de conflitos e de processos políticos, enquanto o popular encontra novas instâncias de enunciação que merecem ser analisadas e acompanhadas através de perspectivas críticas e comprometidas.

O perigoso protagonismo adquirido por grupos racistas e/ou classistas tende a gerar novas tensões na comunicação, desde os circuitos socio-tecnológicos às interações cotidianas. Entre esses conflitos se incluem as tensões entre os modos de conhecimento científico e atitudes negacionistas, além de uma crítica da visão hegemônica da ciência ocidental frente às “epistemologias do Sul”. Também o conflito entre as minorias sociais e a ampla diversidade que encontramos no tecido social e nas classes e grupos dominantes do poder. Conflitos de longa data histórica, como aqueles

do período colonial e o surgimento do Estado-Nação e a posterior hegemonia do mercado, que afetaram os povos originários, as comunidades subalternizadas econômica e socialmente, assim como exacerbaram a reaparição de nacionalismos e movimentos sociais que encenam culturalmente formas de resistência, somado às contradições sociais no acesso e apropriação social dos meios de comunicação massivos e das tecnologias de informação e comunicação. Tais fatores constituem um marco de discussão ampla e crítica para compreender as interações entre as culturas e agentes comunicacionais e socioculturais diversos.

Os temas que tratamos aqui fazem parte do trabalho desenvolvido pelo GT Comunicação Intercultural e Folkcomunicação da Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação, atualmente coordenado pelo Dr. Marcelo Sabbatini (Brasil) e que está sob a Vice-Coordenação da Dra. Marta Melean (Argentina) e do Dr. Cristian Yáñez Aguilar (Chile). Neste espaço, pretendemos provocar um diálogo entre duas esferas relevantes para se pensar com uma perspectiva crítica e situada: os encontros culturais com as suas práticas cotidianas e patrimoniais (tanto nas instâncias de agência local e através das suas representações nos meios, como também nas interações em redes) e o lugar que corresponde a segmentos sociais histórica e estruturalmente subalternizados. Como afirmamos anteriormente, é um dossiê que contempla as diretrizes do GT 1 da ALAIC - Comunicação Intercultural e Folkcomunicação, com foco nos processos de comunicação, seja em meios de comunicação de massa, seja em canais paralelos de comunicação social, incluindo as redes digitais., Transformados pela perspectiva do ciberativismo e da cultura hacker, observa-se também uma diversidade de abordagens metodológicas, o que revela a própria diversidade que afeta o campo da Comunicação na América Latina e nos coloca no papel de continuar a gerar pontes que nos permitam compreender os



fenômenos das interações culturais através da comunicação em sua relação com os processos sociais. Nestes, a cultura, o folclore, a mídia, as artes ou o patrimônio estão inseridos em processos sociais e econômicos que contribuem para a comunicação intercultural e processos comunicacionais folkcomunicacionais.

Nesse sentido, muitos dos trabalhos responderam ao nosso apelo e abordaram o contexto pandêmico. Para começar, a pesquisadora Betania Maciel apresenta o texto “Folkcomunicação, cultura e arte em busca de resiliência em tempos de pandemia”, que buscou identificar as manifestações por meio da arte de rua que expressassem sentimentos coletivos em relação à tragédia de Covid-19. Essas manifestações, circunscritas na pesquisa ao Estado de Pernambuco, ao contrário do forte caráter político que caracteriza o graffiti e outras formas de arte popular, foram colocadas lado a lado com os esforços de governos e autoridades para expressar mensagens que promovessem a adesão aos protocolos sanitários; mas ao mesmo tempo incorporando elementos da cultura local e regional como forma de estabelecer uma ligação identitária com o seu público.

Atuando em cerca de vinte comunidades quilombolas, Ivonete da Silva Lopes, Jéssica Suzana Magalhães Cardoso e Daniela de Ulysséa Leal e Carina Aparecida Veridiano entrevistaram mulheres entre 18 e 76 anos para compreender a recepção de mensagens relacionadas à pandemia em seu artigo “Mulheres quilombolas e ausência de comunicação intercultural para o enfrentamento da COVID-19”. As autoras denunciam a ausência de mensagens dirigidas aos grupos sociais e comunidades tradicionais mais vulneráveis.

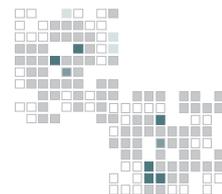
Cristina Schmidt Silva Portéro destaca que, no contexto da pandemia, os sistemas estatais de proteção social foram desestabilizados, fazendo com que grupos populares acentuassem

suas ações sociais e políticas de resistência e transformação. O texto “Grupos marginalizados na arena política em tempos de pandemia e desestruturação democrática” utiliza bases bibliográficas e documentais para analisar como esses grupos, vinculados aos movimentos sociais, têm atuado efetivamente na luta por práticas e políticas públicas que garantam a manutenção e sua sobrevivência coletiva.

No cenário mundial marcado pela incidência da Covid-19, com rupturas e desestabilização política, Rosi Cristina Silva questiona o papel dos grupos marginalizados e quais práticas sociais são eficazes para estabelecer sua voz. Assim, “Celebrações religiosas em tempos de pandemia: um olhar sobre a Festa de Nossa Senhora da Conceição” analisa dados das redes sociais para comparar suas manifestações com as de anos anteriores e chega à conclusão de que há uma ressignificação das festividades religiosas, com uma quebra na participação dos fiéis.

Se durante a pandemia quase todas as atividades diárias foram transferidas para a Internet, o mesmo pode ser dito para a pesquisa científica. Nesse sentido, muitos pesquisadores encontraram na virtualidade o campo para investigar a realidade, como Camila Leite de Araujo e Cristiane Barbosa, que nos trazem o artigo “Rede social de imagens e produções locais para pensar sobre um problema nacional: a pandemia da Covid-19 no Brasil”. A partir da coleta de dados em uma rede social de imagens e, especificamente a partir do projeto @covidphotobrazil, as autoras concluem que a fotografia tem desempenhado um papel de provocar debates, conscientizando sobre os diversos aspectos sociais e políticos demarcados pela crise da saúde.

Por sua vez, “Verdades mínimas: relatos pandêmicos expresados en los periódicos miniaturas de la fiesta de Alasitas de La Paz, Bolivia” de Vanessa Calvimontes Díaz e Juan



Villanueva Criaes se aprofunda no aspecto cultural, tendo os jornais em miniatura como objeto de investigação. No contexto da pandemia, este meio de comunicação popular manteve seu caráter de sátira e de humor para traçar um panorama da realidade boliviana no fatídico ano de 2020, incluindo comentários de natureza política.

Além dos trabalhos que enfocaram o contexto da pandemia, recebemos artigos que exploraram a relação entre os meios de comunicação - tradicionais ou sob novas perspectivas - e os processos comunicacionais subalternos e populares. “O patrimônio cultural dos sinos preservado por meio da narrativa folkmediática transmídia”, artigo apresentado por Urbano Lemos Jr e Vicente Gosciola, aborda o projeto “Som dos Sinos” por meio do qual as expressões culturais de uma comunidade são disseminadas por esta expressão artística de natureza religiosa a partir do conceito de narrativa folclórica transmídia. A pesquisa visa mostrar como os projetos transmídia podem contribuir para a preservação e disseminação de elementos do patrimônio cultural, de forma que o uso dos sons dos sinos se integre ao sistema de comunicação, com potencial de repercussão em outros espaços, graças aos recursos transmídia.

No artigo “Religiosidade afro-gaúcha e Folkcomunicação: discussões a partir do documentário Cavalo de Santo” Ícaro Matos Kropidloski e Antônio Hohlfeldt analisam três festas religiosas tradicionais a partir de suas representações um documentário e a partir delas comentam suas manifestações e analisam as perspectivas de participação de diferentes classes sociais. Segundo os autores, o sincretismo verificado nos três festivais permite classificar essas expressões como folkcomunicacionais.

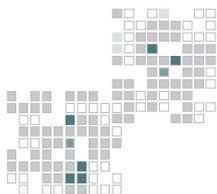
Na perspectiva da comunicação popular estabelecendo relações com os meios de comunicação de massa, a televisão é

o meio analisado no texto “O cotidiano folkcomunicacional no seriado ‘Carga Pesada’ de Felipe Adam e Ivan Bomfim. A icônica série da TV Globo tem 64 de seus episódios analisados a partir de categorias de comunicação popular, mesclando o universo dos caminhoneiros com questões familiares, questões relacionadas à violência e marginalização, além da superstição e da religião, representando o contexto cultural brasileiro sob uma ótica dos grupos populares.

No artigo “Folclore e adaptação: os tensionamentos em ‘Cidade Invisível’”, Andriolli Costa oferece-nos uma crítica cultural da série ficcional que se tornou uma das mais vistas dos últimos tempos através da plataforma da Netflix. O objetivo do trabalho é refletir sobre os desafios e tensões que permeiam a forma como os elementos do folclore são adaptados nas novas mídias, a partir de um processo que é abordado pelo conceito de Folkmídia. O texto aborda as tensões entre o reconhecimento da identidade e as disputas narrativas, sendo a série considerada um exemplo que expressa como tais relações são produzidas no contexto contemporâneo.

Em “Narrativas Folkcomunicacionais nas mídias sociais: as quadrilhas juninas contam o Nordeste” Juliana Hermenegildo da Silva e Maria Erica de Oliveira Lima analisam a construção de narrativas e processos representativos e um festival muito característico da cultura popular, procurando um cruzamento entre a teoria da Folkcomunicação, a teoria narrativa e as proposições da cibercultura. As autoras concluem que os meios técnicos contribuem para repensar o imaginário popular, além de servirem como meio de resistência.

O artigo “Decolonialidade e jogos digitais: releituras históricas, resistência e luta”, de Marcelo Sabbatini, propõe uma análise qualitativa através da qual categorias e subcategorias para abordar como os jogos digitais - entendidos como meios de comunicação - podem tornar-se experiências



de resistência cultural com potencial pedagógico. Para isso, analisa um jogo digital que coloca o jogador no comando de um quilombo, conduzindo escravos libertos em sua luta contra a dominação dos latifundiários, englobando categorias como o revide e a outremização que podemos entender como decoloniais e pós-coloniais.

Por fim, três artigos do dossiê se propõem a avançar nas fronteiras teóricas e metodológicas da Folkcomunicação no século XXI, como se pode verificar no artigo “Folkcomunicação e resistência: elementos de uma práxis informacional” de autoria de Guilherme Moreira Fernandes, Flávio Menezes Santana e Karina Janz Woitowicz. O texto busca articular a teoria proposta originalmente por Luiz Beltrão com as abordagens da tradição latino-americana que privilegiam as resistências culturais, políticas e comunicacionais, principalmente aquelas praticadas pelos movimentos sociais. Defende, dessa forma, uma práxis comunicacional voltada para a luta pela liberdade e pelos Direitos Humanos.

Por sua vez, Marcelo Pires de Oliveira apresenta-nos uma análise de um método de investigação bastante característico da área da cultura em seu “Bibliometria do uso da metodologia da História Oral na pesquisa em Folkcomunicação 2000-2020”. Além de apresentar e discutir os usos e apropriações da História Oral no campo da Folkcomunicação, a análise da produção científica mostrou que, embora revele grande potencial para a compreensão dos fenômenos comunicativos populares, o campo necessita de um maior rigor metodológico. O autor ainda aponta instruções para a nova geração de pesquisadores utilizá-lo em plenitude.

Também no campo metodológico, a inovação nos métodos de pesquisa é um dos elementos aportados pelos textos de Ermaela Cícera Silva Freire e Itamar de Moraes Nobre que apresentam o

artigo “Folkcomunicação, cultura popular e feiras livres no Nordeste: uma revisão integrativa” onde mapeiam a produção científica na intersecção destes elementos. A análise quantitativa revela lacunas quanto ao tratamento das feiras populares como espaço de comunicação.

Para encerrar, o artigo “As TICs no cotidiano de famílias agricultoras: apropriações e incorporações no meio rural contemporâneo” não se enquadra nas questões pandêmicas, midiáticas ou de comunicação popular em sua essência, mas ainda assim fornece uma visão crítica dos processos de comunicação para a inclusão social e econômica. O tema de pesquisa escolhido por Lírían Sifuentes, João Vicente Ribas e Aline Bianchini são as tecnologias digitais e sua apropriação por famílias camponesas do sul do Brasil, evidenciando que na contemporaneidade o urbano e o rural são difusos e que a atividade econômica desenvolvida pelas famílias, em especial a agricultura familiar, orientam a integração das tecnologias na vida cotidiana.

Se há um aspecto chave para pensar e acompanhar os processos sociais e históricos na América Latina, é o cultural. Assim, o propósito deste dossiê e de nosso Grupo de Trabalho continuará sendo o de gerar instâncias para pensar tais processos a partir da dinâmica da comunicação, seus processos interculturais e sua relação com estruturas econômicas e sociais de subalternização e interações, como vem abordando a teoria da comunicação popular desenvolvida décadas atrás. Sejam bem-vindas e bem-vindos a um número para pensar sobre a comunicação de culturas e com a mídia.

Marcelo Sabbatini

Marta Melean

Cristian Yáñez Aguilar

